



UNICAMP

EVENTO: Gewandhaus toca obra de Ned Rorem escrita
em 1994

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 08 maio 96

PÁGINA: C-2

SEÇÃO: CADERNO 2



Kurt Masur: pragmatismo americano contra o reino de Oberon

Gewandhaus realiza concerto convencional

A orquestra, sob regência de Kurt Masur, não emocionou como na visita mais recente ao Brasil

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A comparação é inevitável, até mesmo porque o programa da visita brasileira mais recente da Orquestra Gewandhaus de Leipzig era dedicado ao ciclo das sinfonias de Brahms. Ninguém consegue pensar em Brahms sem associar o nome do compositor ao da Gewandhaus. Dessa vez, o programa do primeiro concerto da orquestra alemã no Teatro Cultura Artística, antontem, foi bem menos denso: um Mendelssohn nada além de correto, um híbrido e apenas curioso concerto para corne inglês de Ned Rorem e, finalmente, um Prokofiev exuberante.

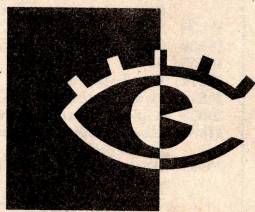
O programa do concerto da Gewandhaus, hoje, às 21 horas, no Teatro Cultura Artística, é bem melhor. Traz Beethoven (*Leonora e Sinfonia nº 1*) e Shostakovich (*Sinfonia nº 1*). Com certeza deverá despertar maior paixão nos músicos e, consequentemente, no público. A estréia foi marcada por um clima tenso, porque a alfândega demorou a liberar

os instrumentos da orquestra, que chegou ao teatro apenas meia hora antes do início do concerto.

Era de se esperar, portanto, que os seis primeiros acordes de *Sonho de Uma Noite de Verão* não fossem tão brilhantes como exige a partitura e que o violinos não conseguissem traduzir o clima encantado do mundo das fadas. O pragmatismo americano fez muito mal a Kurt Masur. Pode-se admitir tudo na abertura da peça de Mendelssohn, menos que o staccato dos violinos e a imitação de sons naturais pelas trompas sejam incapazes de colocar o ouvinte no reino de Oberon.

O recente concerto de Ned Rorem (de 1994) é convencional e despersonalizado. Há ecos de Corigliano, Virgil Thomson, dos impressionistas franceses e, se alguém tiver paciência, acabará descobrindo

um parentesco um tanto incômodo com Charles Strouse, que permanece como a melhor lembrança de uma peça construída para recuperar a ordem tonal no mundo. Rorem é excêntrico e persegue uma sintaxe capaz de revelar sofisticação, traduzida num arranjo de gosto um tanto duvidoso. Felizmente, a Gewandhaus teve oportunidade de justificar sua fama com *Ro-meu e Julieta*, conseguindo um raro equilíbrio entre a as cordas, o oboé e as flautas na peça de Prokofiev.



Crítica